



APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA NA EJA: Desafios e possibilidades na prática das professoras

Joanna de Castro Magalhães Assenção¹

Francisca Izabel Pereira Maciel²

Eixo temático: 5 Alfabetização e Educação de Jovens Adultos e Idosos

Resumo

A pesquisa de mestrado profissional, em desenvolvimento, focaliza as dificuldades e impasses que os alfabetizadores da Educação de Jovens e Adultos - EJA enfrentam para ensinar as habilidades direcionadas à aquisição do sistema de escrita alfabética.

A partir dos documentos oficiais, materiais de formação de alfabetizadores de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Belo Horizonte em diálogo com referenciais teóricos do campo da EJA, a pesquisa tem como objetivo geral: “compreender e explicitar quais os desafios enfrentados pelas professoras alfabetizadoras frente ao trabalho com as habilidades de apropriação do sistema de escrita na EJA, em sala de aula, com seus alfabetizandos”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa envolvendo a análise dos documentos oficiais propostos pela RME-BH; aplicação de questionário e organização de um grupo focal para aprofundar sobre os desafios e as possibilidades relacionados à apropriação do sistema de escrita. Espera-se que os resultados da pesquisa possibilitem qualificar as formações conjugando as propostas de formação aos desafios apontados pelas alfabetizadoras e os conhecimentos necessários aos alfabetizandos em seu processo de aquisição do sistema de escrita alfabética.

Palavras-chaves: alfabetização; aquisição do sistema de escrita; jovens e adultos

¹ Mestranda em educação pela FaE/UFMG. Professora Municipal de Belo Horizonte. Contato: joannacastro@edu.pbh.gov.br

² Professora titular da Faculdade de Educação/UFMG. Contato: emaildafrancisca@gmail.com.

Introdução

O direito à Educação de Jovens e Adultos está descrito nos documentos oficiais, entretanto, muito ainda se faz necessário construir para que este direito seja de fato assegurado e ofertado com qualidade para os mais de 11 milhões de analfabetos do Brasil, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2019.

Diante desse quadro, essa pesquisa propõe investigar, a partir da prática das professoras alfabetizadoras³, quais são suas dificuldades, impasses e como elas têm enfrentado os desafios frente aos estudantes que não se apropriaram das habilidades direcionadas à aquisição do sistema de escrita alfabético.

A pesquisa se relaciona, de certo modo, à organização do quadro de professores da Rede Municipal de BH. As professoras alfabetizadoras da EJA da Rede Municipal de Belo Horizonte não são necessariamente licenciadas em pedagogia, e apresentam formação em diferentes áreas de conhecimento. A PORTARIA SMED No 190/2018 traz a seguinte orientação:

O corpo docente da EJA será composto por professores concursados para atuar no 1º e no 2º ciclo e/ou em disciplinas específicas, que deverão referenciar sua atuação nos pressupostos teórico-metodológicos relativos à Educação de Jovens e Adultos e na transdisciplinaridade, com foco no desenvolvimento de propostas pedagógicas que levem em conta as identidades e as culturas dos sujeitos da EJA ademais da utilização da pesquisa como recurso para a sua própria formação, para a elaboração do planejamento docente e para a promoção de inovações pedagógicas.

Ainda que saibamos, por óbvio, que a formação e/ou titularidade não sejam uma garantia única para o desenvolvimento satisfatório do trabalho, entendemos que essa organização contribui para uma realidade muito desafiadora para àqueles que irão atuar no campo da alfabetização de jovens e adultos.

Partimos do pressuposto de que o trabalho de alfabetização deve ser orientado pelos documentos oficiais; planejado, organizado e executado pelos alfabetizadores. Entretanto, sabemos que sem os conhecimentos sobre o que se vai ensinar, os desafios são enormes, e, a depender das concepções que embasam este profissional, a possibilidade mais acessível é o trabalho demasiado com atividades de letramento, a utilização de materiais e recursos advindos da alfabetização infantil e a ausência de uma prática sistematizada do ensino alfabético.

³ Usarei o termo alfabetizadoras, pois são as professoras que estatisticamente dominam na RME/BH.

Assim, considerando a importância da capacitação no campo da alfabetização na EJA para que o trabalho não se desenvolva a partir de concepções e orientações equivocadas ou insipientes entende-se ser necessário a este profissional, o conhecimento das habilidades referentes à aquisição do sistema de escrita, a organização e elaboração das atividades correspondentes bem como a observação atenta aos confrontos e desafios apresentadas pelos estudantes.

Tem-se por objetivo geral desta pesquisa compreender e explicitar quais os desafios enfrentados pelas professoras alfabetizadoras frente ao trabalho com as habilidades de apropriação do sistema de escrita na EJA em sala de aula com seus alfabetizandos.

2 Fundamentação teórica

A partir de uma longa trajetória de luta, o reconhecimento da EJA - Educação de Jovens e Adultos enquanto direito nos é garantido. Inseridos que somos em uma sociedade grafocêntrica, o direito ao aprendizado do sistema alfabético de escrita ocupa papel relevante na efetivação de outros direitos. SILVA (2020) justifica o entendimento da EJA enquanto direito humano: “A EJA é, portanto, um **Direito Humano**. Humano porque, quando ele é negado ao sujeito, outros direitos também o são e o gozo da Educação potencializa e viabiliza a prática de outros direitos”.

As situações enfrentadas pelo público jovem e adulto bem como suas características e singularidades devem ser reconhecidas pelos profissionais envolvidos. É preciso saber quem são os sujeitos com quem se trabalha para que o processo educacional se torne significativo e eficiente. Sobre este princípio FREIRE defende (1996):

não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”. (FREIRE, 1996, pág. 81)

Uma educação de qualidade somente se efetivará se os sujeitos nela envolvidos forem considerados protagonistas de um processo de aprendizagem que se desenvolve vinculado às suas realidades e contextos.

O reconhecimento do sujeito no processo pedagógico é condição para a oferta de uma educação de qualidade. Concordando com FREITAS , RIBEIRO E MOURA (2020), esse preceito

(...) só pode ter sua força valorativa quando há uma prática de ensino que é voltada de fato para a realidade subjetiva daquele que aprende, como também daquele que ensina. Ou seja, isso implica dizer que é preciso levar em conta os sujeitos envolvidos nesta relação de ensino-aprendizagem. (FREITAS, RIBEIRO e MOURA, 2020)

O esforço contínuo de estudo acerca dessa temática e as possibilidades de melhorias da prática profissional é a condição para que se possa avançar cada vez mais na busca pela primazia desse direito.

Importante trazer aqui os conceitos de alfabetização e letramento, extremamente presentes em nosso contexto profissional e que não devem ser confundidos nem ignorados em nossa prática. São conceitos distintos, porém indissociáveis, sendo um o complemento do outro. Para SOARES (2021):

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. (SOARES, 2021, p. 27)

Alfabetização e letramento são processos distintos do mesmo ensino. SOARES (2018) apresenta 3 principais facetas compreendidas neste trabalho: a faceta linguística, a faceta interativa e a faceta sociocultural. As duas últimas consideram-nas como letramento, por terem como objeto de conhecimento tanto as habilidades de compreensão e produção de textos, quanto os eventos sociais e culturais que envolvem a escrita, respectivamente. À faceta linguística, a autora atribui o termo alfabetização, por ter, como objeto de conhecimento a apropriação do sistema alfabético.

Quanto à definição de cada um dos termos, SOARES (2020) traz a alfabetização como “o processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita” e o letramento como as “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita.”.

Defendemos que, para que o trabalho de alfabetização na EJA seja efetivo, é necessário que a alfabetização e letramento, sejam trabalhados de maneira indissociável, complementar e de forma equilibrada.

À professora alfabetizadora, é essencial o conhecimento dos processos de alfabetização e letramento, suas especificidades e habilidades correspondentes. Como nos diz ASSENÇÃO, FÉLIX e MACIEL (2021):

leitura e escrita são processos que requerem uma mobilização da aprendizagem para aspectos complexos por parte de quem aprende e que precisam ser trabalhados, a partir de metodologias específicas e adequadas, por parte de quem ensina, permitindo e mediando o entendimento do sistema de escrita para os que se encontram no processo de alfabetização. ASSENÇÃO, FÉLIX e MACIEL (2021)

No âmbito dessa pesquisa, tem-se por objetivo um olhar mais apurado ao desenvolvimento da alfabetização, ou seja, da aquisição do sistema de ensino alfabético.

Das diversas concepções que nortearam e norteiam os trabalhos de alfabetização na EJA, algumas, ainda que suplantadas teoricamente, se fazem presentes nos dias de hoje na prática da sala de aula. Não é incomum, por exemplo, a percepção de que o domínio da leitura e escrita decorre de um processo natural, a partir da necessidade de comunicação, assim como ainda é recorrente a compreensão da língua portuguesa enquanto um "código que precisa ser traduzido".

A concepção restrita de língua como um código que pode ser codificado e decodificado, ainda muito se impõe em nosso meio, apesar de já superado por pesquisadores e estudiosos. Decodificar um código, implica em "*decorar novos símbolos que substituem outros símbolos de um sistema notacional já aprendido*" (MORAIS, 2014). Sendo assim, a prática pedagógica que sustenta esse entendimento está restrita à apresentação e memorização do nome e traçado das letras bem como dos sons a que se referem.

No sentido contrário, entende-se que, para a apropriação do sistema alfabético, é necessário ao aprendiz, compreender toda a lógica desse sistema. Como nos diz MORAIS (2005):

"Para aprender o SEA (sistema de escrita alfabética) o sujeito tem que reelaborar, em sua mente, uma série de decisões que a humanidade tomou, ao criar este tipo de notação. (...) Concebemos, erroneamente, que a tarefa do aprendiz consistiria em "dominar um código" e subestimamos a fascinante empreitada cognitiva que ele terá que assumir." (MORAIS, 2005, pág. 37)

A compreensão do sistema alfabético enquanto um código pressupõe o entendimento de que o objeto a ser ensinado é completamente exterior ao sujeito que dele se apropria, de maneira que, independente de quem seja o aprendiz, basta o treino mecânico do funcionamento do sistema para que a aprendizagem se concretize. Dessa forma, não se tem por problema, fazer uso de cartilhas e/ou atividades elaboradas para o público infantil no trabalho direcionado ao público jovem e adulto. Essas atividades não têm

por fim o confronto com as hipóteses do estudante, tampouco objetiva produzir alguma reflexão grafofonêmica, antes pelo contrário, almejam que, o sistema alfabético seja memorizado. O estudante, sujeito passivo nesse processo de aprendizagem, não interage com o objeto de ensino.

Outra ideia ainda arraigada no fazer pedagógico das professoras alfabetizadoras da EJA advém, em parte⁴, da proposta construtivista, que, enquanto teoria da gênese e do desenvolvimento do conhecimento, incorporou o posicionamento trazido por alguns estudiosos da área, de que a apropriação do sistema de escrita é um processo natural que ocorre, segundo nos apresenta SOARES (2020), *em um contexto de inserção em situações onde haja razão e objetivo para compreender e ser compreendido por meio da escrita.* (pg.41) A importância em se trabalhar com situações significativas de comunicação é a condição para um aprendiz que julga o processo de aquisição do sistema algo natural, assim como é o aprendiz da língua oral.

Sucedeu-se, concordando com SOARES, que essa mudança paradigmática na área da educação conduziu a alguns equívocos e falsas inferências que podem explicar a valorização excessiva nas habilidades de uso social da leitura e da escrita. Esse super foco no letramento se apresenta como uma das razões que contribuem para a mitigação do trabalho destinado à compreensão do sistema de escrita. A faceta do letramento assumiu um peso exacerbado em detrimento à faceta da alfabetização, causando um desequilíbrio danoso que leva ao que SOARES denominou “desinvenção” da alfabetização e MORAIS (2012) como a “hegemonia do discurso do letramento.” Segundo SOARES (2004):

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por freqüentemente prevalecer sobre aquela, que como consequência, perde sua especificidade. (SOARES, 2004)

A presente pesquisa pretende compreender e auxiliar a professora alfabetizadora da EJA no desafio de não negligenciar o trabalho com as habilidades de apropriação da escrita. Tendo por condição fundamental o conhecimento acerca do processo de aquisição do sistema alfabético, é essencial ao professor o planejamento de suas ações, visto que o seu objeto de ensino é apreendido de maneira sistemática, explícita e direta.

Com o objetivo de alfabetizar o jovem e adulto na perspectiva da alfabetização e do letramento, é necessário definir as metas que orientarão o trabalho, as habilidades e os conhecimentos a serem desenvolvidos, bem como a sua ordenação. Para essa

⁴ Digo em parte por entender que o paradigma construtivista apresentou-se como um avanço em relação às concepções anteriores no campo da educação e da linguagem. Ademais, as razões que levam o professor a desconsiderar as habilidades de apropriação do sistema podem não ser oriundas da compreensão de que a língua escrita pode ser apreendida naturalmente a partir de vivências em situações de uso.

sistematização, registro e reflexão do trabalho, é importante planejar. Para GUEDES PINTO et al, (2006)

O planejamento passa a ser visto sob a ótica da escolha e do controle do professor sobre o seu próprio trabalho. Com isso, garantimos novas escolhas, que geram a liberdade para mudanças, adequações e alterações necessárias. (GUEDES PINTO, 2006 pág. 26)

As Proposições Curriculares da Educação de Jovens e Adultos (2016) compõem o documento norteador do trabalho da EJA em Belo Horizonte.. Porém, o registro oficial, que traz orientações e concepções coerentes e embasadas em estudos e pesquisas atuais, não significa sua apropriação prática por parte das professoras. As concepções adotadas na Rede, bem como as habilidades direcionadas ao aprendizado da leitura e escrita estão descritas nas Proposições e devem ser, uma a uma, compreendidas, assim como as estratégias para que elas sejam apropriadas pelos sujeitos, devem ser elaboradas.

3 Metodologia

A pesquisa apresenta um caráter qualitativo, pois não há como compreender e analisar os desafios dos professores alfabetizadores sem que se realize uma investigação dialogando com os professores participantes da pesquisa. No entanto, utilizaremos recursos qualitativos e quantitativos para melhor apuração dos dados necessários.

Concordando com GONZÁLEZ (2020), o desafio na pesquisa qualitativa se apresenta

(...) na medida que os pesquisadores qualitativistas têm que lidar com uma dinâmica dupla de imersão e contemplação hermenêutica, para capturar, coletar e registrar informações que sirvam de base para a emissão de julgamentos, tomada de decisões, apresentação de argumentos, formulação de críticas, identificação de discrepâncias, proposição de soluções para problemas, etc., questões que precisam estar em sintonia com os propósitos, objetivos ou metas delineados no respectivo projeto de pesquisa. (GONZALEZ, 2020)

Como ponto de partida nessa pesquisa será realizada a análise dos documentos oficiais propostos pela RME-BH que orientam o trabalho da EJA em relação à alfabetização e, mais especificamente, no que diz respeito ao eixo da apropriação do sistema de escrita.

Em seguida, entrevistas semiestruturadas serão direcionadas às professoras, com o objetivo de traçar o conhecimento do processo de alfabetização e a apropriação dos documentos norteadores. Posteriormente, será proposto um grupo focal para o

entendimento pormenorizado dos desafios e possibilidades relacionados à apropriação do sistema de escrita.

4 Resultados e Discussão

Atualmente a pesquisa encontra-se em andamento, na fase de aplicação e análise das entrevistas.

5 Considerações Finais

Como se trata de uma pesquisa de mestrado profissional em andamento, as considerações são parciais, e o que esperamos é que os resultados desse estudo em um contexto de qualificação da professora alfabetizadora da EJA venha contribuir para a prática desse profissional, a partir do conhecimento dos desafios referentes ao trabalho com o eixo de apropriação do sistema de escrita alfabética, bem como das possibilidades de enfrentamento. Conhecimentos que precisam fazer parte das formações e desenvolvimento das professoras alfabetizadoras de EJA, pois como já foi apontado há uma especificidade no campo e no modo como os adultos aprendem. Defendemos que precisamos levar em conta seus conhecimentos de mundo e, principalmente que os sujeitos analfabetos aprendam de fato e por direito a ler e a escrever.

Referências

- ASSENÇÃO, Joanna de Castro Magalhães, FÉLIX, Chrysler Soares, MACIEL, Francisca Isabel Pereira. A psicogênese da língua escrita e a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas. In: Lendo e escrevendo as palavras, lendo e escrevendo o mundo, v.3. Belo Horizonte: SMED-PBH /CEALE-FaE, 2021.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz, RIBEIRO, Nadja Naiara Aguiar, MOURA, Tânia Maria de Melo. Alfabetização de jovens e adultos: ainda uma questão polêmica. In: Práticas de alfabetização (recurso eletrônico). Processos de ensino e aprendizagem / organização: Magna do Carmo Silva, Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral. - Recife: Ed.UFPE 2020.
- GONZÁLEZ, Fredy. Enrique. (2020). Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 155–183. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; SILVA, Leila Cristina Borges; TEMPESTA, Maria Cristina da Silva; FONTANA, Roseli Aparecida Cação. A organização do tempo pedagógico e o planejamento do ensino. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População Estimada (2021) <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>
- MORAIS, Artur Gomes de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um

código), que implicações isto tem para a alfabetização? In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges C.; LEAL, Telma Ferraz (ORG.). *Alfabetização: apropriação do sistema alfabético de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual. Tabela 711 – Pessoas de 15 anos ou mais, analfabetas, por sexo e grupo de idade. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7111>>. Acesso em:

PORTARIA SMED No 190/2018

SILVA, Analise da. EJA direito social e humano. Pensar a educação em pauta: Um jornal para a educação brasileira. 7 agosto 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5-17, jan./fev./mar./abr. 2004.

SOARES, Magda. Alfabetização a questão dos métodos – 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2018. 384 p.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda. Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever – São Paulo: Contexto, 2021.